

IT WAS LIKE A FEVER¹

Maurício ROMBALDI*

Como os conceitos de *cultura* e de *política* se relacionam? Em que medida o surgimento de movimentos de protesto dependeria de condições objetivas que possibilitam certa abertura para a ação política? Qual o alcance da experiência cotidiana para a reapropriação de significados no decorrer dos seus usos? Baseada no debate que envolve a tentativa de responder a tais questões, Francesca Polletta, em *It Was Like a Fever*, propõe o foco no significado da narrativa na nomeação de eventos e contextos políticos. Segundo ela, por meio da análise de um conjunto de narrativas, seria possível avaliar dinâmicas de modelos de ação coletiva bem como o surgimento de novos terrenos de contenção. A partir disto argumenta que, se, por um lado, as histórias explicitam esquemas culturais, por outro, elas possibilitam compreender como se acredita que os fatos devem ou não ocorrer. Com isto, na análise das narrativas busca-se responder a interrogações sobre como, quando e porque emergem movimentos coletivos de protesto e de que modo seriam feitas as suas estratégias de ação.

O livro se inicia com a apresentação do caso de uma narrativa em que se conta a história de um diálogo entre o atual presidente George W. Bush e a filha de uma vítima dos atentados de 11 de setembro. Na história, Bush diria compreender a situação passada pela órfã, e perguntaria a ela sobre se, a despeito disto, “tudo está bem”. Na seqüência de eventos a filha da vítima se comove porque o homem mais importante do planeta está preocupado se ela está segura e bem. Para Polletta, a questão que emerge desta narrativa é: a interlocutora do presidente estaria segura de quê? De quem? Segundo a autora, as reflexões construídas pela narrativa referem-se mais à transmissão da mensagem de se passar por uma segurança emocional do que a qualquer evento específico concreto.

Polletta argumenta que as narrativas – tal qual neste exemplo – têm certa *ambigüidade*, logo, certa abertura à interpretação que pode ser utilizada politicamente para a obtenção de benefícios. Neste caso, a apelação a narrativas está vinculada

* Doutorando em Sociologia. USP – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas – Departamento de Sociologia – Programa de Pós-graduação em Sociologia. 05508-900 – mauricio.rombaldi@gmail.com

¹ Resenha da obra: POLLETTA, F. *It was like a fever: storytelling in protest and politics*. Chicago: Chicago University Press, 2006.

não apenas a uma forma de captação da realidade, mas também ao relacionamento entre um evento particular que é tornado universal. Para grupos em desvantagem as narrativas acompanham riscos e benefícios já que, por um lado, elas permitem trazer histórias pessoais para chocar a indiferença pública mas, por outro, elas também podem ser utilizadas pelos oponentes políticos como forma de reprodução de sentidos sociais.

Segundo o argumento da autora, o relacionamento entre cultura, estrutura e as histórias são complexas e variáveis, sendo que em grande parte das vezes as estruturas sociais são reproduzidas por meio das histórias justamente por cristalizarem certas oposições de pensamento. No sentido oposto, a autora nota que as narrativas podem abalar tais oposições na medida em que emergem finais imprevistos que implicam em efeitos sociais transgressivos. Rumando em direção a conclusões normativas, grande parte das histórias tornam-se coerentes na medida em que ressoam com idéias já desenvolvidas anteriormente no público que interage com elas – fato que pode acontecer com o caso de tais histórias já terem sido ouvidas ou, em parte, vivenciadas previamente. Neste caso, as histórias podem servir para fortalecer identidades coletivas ou preceder e tornar possível o desenvolvimento de atores coletivos.

Em *It Was Like a Fever*, Polleta analisa diversos casos em que movimentos sociais emergem a partir de eventos pontuais. Entre eles destaca-se a história de quatro estudantes negros impedidos de serem servidos em um estabelecimento que alegava servir apenas clientes brancos, nos anos 1960. Neste evento, a indignação sentida por estes estudantes os motivou, inicialmente, a manterem-se sentados dentro do local até que ele fechasse, e posteriormente a voltar nos dias seguintes e, em seguida, com mais pessoas. A partir disso o movimento se espalhou entre estudantes de diversas universidades e cidades. Sobre o ocorrido, na época, os estudantes alegaram que o movimento fora espontâneo ou, em outros termos, que ele teria surgido de repente, em termos de “it was like a fever”. Entretanto, passados 40 anos, sabe-se que aquele episódio foi metodicamente organizado e que aqueles quatro estudantes eram ativistas, existindo uma rede de pessoas mobilizadas e treinadas para espalhar as notícias e aumentar o movimento de protesto.

Dos eventos relatados no livro a questão levantada é: porque negar o planejamento da ação? Segundo Polleta, se os estudantes afirmaram que a manifestação foi espontânea, eles não estavam negando o planejamento da ação. Antes, estavam afirmando a incapacidade de fixar o momento exato em que uma intenção individual se tornou coletiva. A autora avalia que as narrativas são algo a mais que planos estratégicos e, quando se afirma que “simplesmente aconteceu o boom”, captura-se o momento exato em que indivíduos separados tornam-se um ator coletivo. A ação coletiva, neste caso, vincula-se aquilo que James Jasper (1997) denominou por *choque moral*, em que as pessoas são impelidas à ação

coletiva, mesmo que sem a necessidade da existência prévia de uma organização que centralize o movimento. As narrativas representam o conjunto de histórias comuns de humilhação, agora passadas sob a forma de um ato de triunfo e de valorização. Com isto, segundo a tese do livro, as histórias comuns e a partilha de sentimentos servem como motivadores para a mobilização, e partilhar a sua própria história torna o *sentir-se parte* do “movimento espontâneo”. A história particular tornada universal implica em uma atitude de participação voluntária.

Sobre o porquê e como os ativistas escolhem as estratégias utilizadas, a autora observa a existência de condições políticas, estabelecidas em sistemas mais ou menos abertos, que implicam distintos resultados. Contudo, sobre tais condições, ela avalia que a emergência de movimentos de protesto e a definição das escolhas estratégicas não dependem exclusivamente dos ambientes de oportunidades políticas, nem apenas daqueles repertórios políticos que – observados por Charles Tilly – condicionam a ação. Assim, por um lado, a ação coletiva deve ser considerada em função das crenças políticas que tornam as opções estratégicas atrativas ou não – o que significa incorporar a variável cultural de modo significativo nas análises dos condicionamentos da ação política. Por outro, Polletta observa as reproduções sociais que ocorrem por meio da utilização de metonímias. Neste caso, a sua utilização permite não apenas dar sentido à existência dos grupos sociais bem como às alternativas para as escolhas estratégicas, mas torna difíceis os seus questionamentos internos. Neste caso, a autora sugere que a utilização de metonímias reduza o espaço para as lutas sobre a definição das legitimidades dos significados no interior dos grupos.

Tratando da questão da deliberação pública na definição de políticas, a autora sublinha que o uso do discurso universalista pautado pela lógica racional pode desprivilegiar grupos em desvantagem. Com isso, a autora avalia que o estímulo à utilização de histórias possibilita aos grupos em posição de desvantagem que identifiquem as suas experiências junto a de outros. Por um lado, se, para muitos, as histórias tem um caráter estritamente pessoal, emotivo e ambíguo para que se possam criar deliberações públicas, para Polletta, por meio da polissemia semântica das narrativas é possível traçar certas concordâncias entre diferenças existentes na particularização dos casos.

A partir disso, investigando o caso das mulheres vítimas de violência masculina, a autora indaga sobre o fato de que se os grupos desprivilegiados seriam prejudicados por se estilizarem enquanto vítimas. Afirma-se que a vitimização carrega o sentido da passividade, de um grupo que é indefeso e necessita de proteção estatal, e com isto anulária-se a possibilidade de benefícios provenientes da auto-representação como questionadores ativos do *status quo*. Neste caso, os ativistas podem ser considerados como tutores de uma nova consciência moral, capazes de tratar das faculdades racionais e sensibilidades emocionais daqueles que ouvem as

narrativas das vítimas. O papel deles está vinculado ao fato de que se convenções históricas e institucionais moldam as formulações das narrativas e há as crenças sobre o que e como as histórias são aceitas enquanto creditáveis, a formulação de tais histórias, por parte das vítimas, devem combinar proximidade e distância para apreender as experiências que são sensíveis à audiência.

Em *It Was Like a Fever*, Francesca Polletta oferece, por meio da análise das narrativas, um interessante instrumento para a análise dos movimentos sociais, sobretudo no que se refere à compreensão da origem e da razão do surgimento dos movimentos de protesto político e das suas escolhas estratégicas. Sobretudo, ela insere a variável cultural no interior da constituição dos movimentos coletivos. Com isto, permite apreender de que maneira a partilha de símbolos sociais – e porque não, de repertórios políticos – são apropriados no desenvolvimento de distintas formas de protesto, de coesão e de tomadas de posição acerca das escolhas estratégicas. Trata as narrativas como um elemento estratégico importante tanto para a análise sociológica como para as práticas estratégicas dos grupos sociais.

REFERÊNCIA

JASPER, J. **The art of moral protest: Culture, biography and creativity in social movements.** Chicago: Chicago University Press, 1997.